

A ensaística adorniana e o filosofar em educação

Adornian essay practice and philosophizing in education

*Divino José da Silva**

* Professor de Filosofia da Educação do Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação em nível de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP/Presidente Prudente, SP.
E-mail: divinojs21@uol.com.br

Resumo

Em “O ensaio como forma”, Theodor Adorno critica o pensamento filosófico dominante que, por diferentes vias, manifesta a pretensão de compreender o real em sua totalidade, em que o caráter universal do conceito anula a singularidade do objeto. Adorno vislumbra no ensaio a possibilidade de se pensar aspectos do objeto os quais foram, de modo coercitivo, negados pelo caráter identitário da razão. O nosso objetivo neste artigo foi pensar a importância do ensaio para a filosofia da educação enquanto um modo de reflexão sobre e na educação. O ensaio, nos termos adornianos, nos instiga a pôr em dúvida valores, crenças e estereótipos que limitam nossa experiência educativa, ao mesmo tempo em que nos possibilita resgatar nela o que foi esquecido pela razão, pelos saberes e pelas práticas pedagógicas, na atualidade.

Palavras-chave

Adorno. Filosofia da Educação. Prática Reflexiva.

Abstract

In “Essay as Form”, Theodor Adorno criticizes the dominant philosophical thinking that, by different means, claims understanding the reality as a whole, in which the universal nature of the concept nullifies the singularity of the object. Adorno considers the essay as a possibility of thinking about aspects of the object that were, coercively, denied by the identity nature of reason. Our aim in this article is to reflect on the importance of the essay in philosophy of education as a way of reflection on education. The essay, in adornian terms, encourages us to question values, beliefs, and stereotypes that restrain our educational experience, and at the same time, it enable us to retrieve, within such experience, what has been forgotten by reason, by knowledge, and by pedagogical practices of the present days.

Key words

Adorno. Philosophy of Education. Reflective Practice.

Introdução

A filosofia da educação, enquanto uma reflexão sistemática e intencional sobre a educação, exige de quem a pratica abertura e disposição para refletir sobre temas e problemas que são, em grande medida, circunstanciais, contextuais, que constituem verdadeiros desafios no contexto das práticas educacionais atuais. Por esse motivo, trata-se de um filosofar *ad hoc*, sem desprezar o que a tradição e a filosofia contemporânea têm a nos dizer sobre os temas e problemas que nos afligem na educação. O trabalho daqueles que se dedicam à filosofia e à filosofia da educação, nesse caso, não é transpor diagnósticos de um passado para o presente nem realizar uma leitura edificante da história da filosofia. Consiste menos ainda em forjar conceitos que se apoderam arbitrariamente da realidade e que só admitem como filosofia o pensamento que torna o particular transparente, submetendo-o à aplicação de categorias universais. Esse tipo de prática filosófica “[...] só se preocupa com alguma obra particular do espírito na medida em que esta possa ser utilizada para exemplificar categorias universais [...]” (ADORNO, 2003, p. 16). Contra essa forma de pensar, em que o caráter universal do conceito anula a singularidade do objeto, Adorno vislumbra no ensaio a possibilidade de se pensar aspectos do objeto os quais foram, de modo coercitivo, negados pelo caráter identitário da razão, que ordena o real em sua multiplicidade.

O conceito de identidade, no pensamento adorniano,

[...] não é somente uma condição necessária ao funcionamento da racionalidade ocidental, é mais que isso – ele configura uma tomada de poder nada inocente sobre a realidade, e só consegue apreendê-la pela violência. (GAGNEBIN, 1997a, p. 114).

Esta constitui uma das preocupações que se fará presente em toda a filosofia adorniana, expressa nessa permanente denúncia ao caráter identitário da razão, o qual reduz a realidade do objeto à estrutura do sujeito do conhecimento. Como pensar a verdade do objeto em sua imagem não identitária, em sua diferença e em seu outro esquecido? Ou seja, como pensar a verdade em um contexto que nos impossibilita situar fora da falsa totalidade ideológico-social? O nosso objetivo, neste texto, será retomar aspectos da crítica de Adorno ao pensamento filosófico dominante¹ que, por diferentes vias, manifesta

¹ Na aula inaugural proferida como livre-docente na Universidade de Frankfurt, em 1931, intitulada “Atualidade da filosofia”, Adorno explicita os alvos de sua crítica identificados na filosofia da idealista da Escola Neokantiana de Marburgo, que, baseada num conceito de razão universal, despreza o contexto histórico e social. Critica a fenomenologia de Husserl e Max Scheler, cujo esforço, segundo Adorno, estivera voltado para recuperar a *ratio* autônoma, mas se valendo do mesmo aparato conceitual do idealismo pós-cartesiano. Adorno critica também a ontologia de Heidegger, por não levar em conta o caráter fetichista dos objetos enquanto mercadoria, os quais não podem ser dados imediatamente à experiência, mas estão mediados pelas relações de troca. Por fim, Adorno critica o caráter reducionista das filosofias científicas identificadas com a Escola de Viena, que restringe todo

a pretensão de compreender o real em sua totalidade, por meio da identidade entre sujeito e objeto. Num segundo momento, interessa-nos pensar o que decorreria dessa crítica para uma filosofia da educação que tenha como preocupação situar-se nos interstícios da crítica ao pensamento da identidade, na interpretação e análise dos problemas do campo da educação. O desafio, portanto, é continuar filosofando sem cair nas armadilhas do pensamento identitário, mantendo assim o paradoxo que perpassa a filosofia adorniana.

No artigo “O ensaio como forma”, Theodor Adorno nos oferece um sentido para o filosofar e, nesse caso específico, para o filosofar em educação, que se distancia da filosofia como verdade nos moldes postulados pela tradição moderna, para nos situar numa prática reflexiva que toma o pensar enquanto experiência com o próprio pensamento, que sabe de seus limites na atividade de pensar o pensado, por isso põe em questão a relação sujeito-objeto e as verdades que dela decorrem. No modo de pensar essa relação, Adorno (1995a) estabelece a precedência do objeto sobre o sujeito, evidenciando os limites do sujeito em sua pretensão em apreender e decifrar a verdade do objeto. Há em Adorno, ressalta Leo Maar (1995), uma atitude de “[...] dedicação e abertura frente ao objeto, frente à coisa [...]. Como num diálogo com Wittgenstein, procura evitar o emudecimento do que aparentemente

não pode se expressar, teimando em dizer o indizível.” Adorno encontra no ensaio, enquanto forma de expressão intelectual, o lugar para o exercício da filosofia como experiência do próprio pensar que escapa ao primado da transparência, da unidade e da identidade que o sujeito impõe ao objeto.

1 O ensaio e a crítica às pretensões da filosofia na atualidade

O ensaio como forma de expressão intelectual, esclarece Duarte (1997), encontra raízes profundas no pensamento de Adorno que, já em 1931, em sua aula inaugural² como livre-docente na Universidade de Frankfurt, destaca os elementos que posteriormente apareceriam em sua filosofia madura, dentre os quais se sobressai a problemática do ensaio. Adorno inicia sua conferência com uma séria advertência acerca das pretensões da filosofia, na atualidade:

Quem hoje em dia escolhe o trabalho filosófico como profissão deve, de início, abandonar a ilusão de que partiam antigamente os projetos filosóficos: que é possível, pela capacidade do pensamento, se apoderar da totalidade do real. [...] A filosofia, que hoje se apresenta como tal, não serve para nada, a não ser para ocultar a realidade e perpetuar sua situação atual. (ADORNO, 2000, p. 01).

o conhecimento ao âmbito da experiência. Confira Adorno (2000), Buck-Morss (1981) e Pucci (2000).

² Essa conferência foi intitulada “Atualidade da filosofia” e publicada com esse mesmo título: ADORNO, T. W. *Gesammelte Schriften* 1. Philosophische Frühschriften.

Adorno evidencia o descompasso existente entre as pretensões das filosofias que visam a abarcar com o pensamento o real, em sua totalidade, e uma realidade que resiste a essa possibilidade e não se rende à sistematicidade do pensamento. Sustentar essas pretensões no horizonte da reflexão filosófica significaria encobrir a realidade, mantendo-a em seu estado atual. Posto isso, recai sobre o diagnóstico adorniano a seguinte questão: que exigências são postas a uma filosofia que põe em dúvida a possibilidade do pensamento de se apoderar da totalidade da realidade, a partir de categorias que estruturam a nossa experiência? A resposta a essa pergunta está diretamente ligada ao modo como Adorno se propõe filosofar e conferir atualidade à filosofia. Essa filosofia, assinala Safatle (2009), se constituirá a partir de um permanente movimento de confrontação entre a elaboração conceitual e os campos dispersivos do mundo empírico. Esse cuidado em medir a distância entre esses dois campos vai aparecer na configuração do texto filosófico. Os efeitos dessa relação podem ser identificados na interferência oriunda das ciências empíricas, destaque especial para a sociologia, na elaboração da reflexão filosófica. Essa atitude diminui as pretensões da filosofia, pois lhe exige a adoção de um estilo fragmentário, que gira em torno de algo que lhe escapa e que só pode ser pensado e descrito por meio de suas resistências. Por essa razão, Adorno toma o ensaio como forma privilegiada para o exercício do pensar filosófico, que resiste às totalizações apressadas do pensamento.

O artigo “O ensaio como forma”³ traduz a opção de Adorno por um estilo em filosofia, por um modo de filosofar que se identifica com a escritura do ensaio. Nessa opção pelo ensaio, o autor encontra elementos que o distanciam do modo tradicional de fazer filosofia, bem como encontra nesse tipo de escrita uma forma de pensar o próprio pensamento, num movimento de autorreflexão que não o salvará de seu profundo dilaceramento, porque a pretensão ao absoluto traz em si a falsidade do pensamento.

O ensaio, na leitura adorniana, confere atualidade à filosofia, já que encontra nele elementos que se opõem às pretensões do pensamento filosófico acadêmico que reivindica sua validade por meio do acesso ao universal. O particular, nesse caso, só desperta interesse quando pode ser subsumido ao universal e referendado por suas leis. “O ensaio [...] não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito” (ADORNO, 2003, p. 16). Por isso mesmo, lida com os objetos com o frescor da curiosidade de uma criança que é capaz de espantar-se com o mundo no qual o olhar calejado dos adultos não vê mais do que obviedades e filiações de sentidos. O ponto de partida do ensaio é o que outros já fizeram e pensaram, portanto ele não parte do zero, não cria do nada, mas retoma o que foi dito sobre um determinado assunto e busca fazer falar o que nele foi esquecido. Além disso, é livre

³ A forma ensaio, conforme Duarte (1997), está presente em toda a obra de Adorno.

para dizer o que lhe interessa e termina onde não há mais nada a dizer, sem se preocupar, por conseguinte, em encontrar a causa primeira dos fenômenos e o fim para o qual eles convergiriam: “Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar” (ADORNO, 2003, p. 17). Nisso reside a intensa relação entre a forma ensaio e a liberdade de espírito, da qual suspeita o pensamento oficial que o vê como um despropósito.

O ensaio não goza de boa reputação perante as formas tradicionais de fazer e pensar a filosofia, que o via como uma mescla arbitrária de ciência e arte. Por essa razão, atrai sobre si o preconceito e a pecha de falta de seriedade. Afirma Adorno (2003, p. 15): “Ainda hoje, elogiar alguém como *écrivain* é o suficiente para excluir do âmbito acadêmico aquele que está sendo elogiado”. Ciente dessa má reputação do ensaio, Adorno nos oferece uma reflexão que configura uma autorreflexão da filosofia acerca da própria forma de exposição do pensamento filosófico. Nesse exercício, o filósofo expõe-nos, de maneira meticulosa, os elementos constituintes do ensaio, defendendo-o dos ataques da filosofia acadêmica e do positivismo, bem como dos riscos que o ensaio corre de se igualar às manifestações da indústria cultural, na atualidade.

O ensaio como forma de expressão do pensamento, que se debruça longamente sobre seu objeto, é visto pelos amantes dos clichês e das formas de pensar classificatórias como uma perda de tempo. Quem se dedica a esse tipo de atividade pensante é rotulado pelos

cultores da objetividade, da exatidão e da eficiência, como uma espécie de inteligência delirante que, ao final das contas, se revelaria impotente, pois insiste em explicar o que não existe. Para esse modo de pensar, que evita a negatividade e credita ao sujeito as condições para conhecer o objeto, comenta Adorno (2003, p. 17), não restaria alternativa ao homem, senão manter “[...] os pés no chão ou a cabeça nas nuvens”. O esforço do ensaísta em ir além do imediatamente dado, na tentativa de entender as determinações do objeto em análise, “[...] é estigmatizado como ocioso, como um abandonar-se a especulações soltas” (PUCCI, 2002, p. 322).

Adorno (2003) critica como ilusória a pretensão, bastante frequente entre aqueles que se dedicam à História da Filosofia, em realizar uma interpretação da obra de um autor, como se fosse possível identificar de maneira exata o que ele quis dizer. Uma prática filosofante que privilegia a especialização extrema põe sérios limites à criatividade. Proceder assim é negar no receptor sua espontaneidade e fantasia subjetiva na recepção do objeto, que são condenadas em nome da objetividade. Contrapondo-se a essa pretensão, enfatiza Adorno (2003, p. 18):

Nada se deixa extrair pela interpretação que já não tenha sido, ao mesmo tempo, introduzido pela interpretação. Os critérios desse procedimento são a compatibilidade com o texto e com a própria interpretação, e também a sua capacidade de dar voz ao conjunto de elementos do objeto.

É nesse sentido que, para Adorno (2003), o ensaio traz em si elementos da arte, aproximando-se de uma autonomia estética, ao mesmo tempo em que dela se diferencia, pois lida com conceitos e não desiste de sua pretensão à verdade que expõe as fissuras do mundo, ciente da impossibilidade de haver uma correspondência entre pensamento e objeto. Porém o cuidado no trato com os conceitos é a condição para se contrapor à ambivalência das palavras: “Sem apologia, ele [o ensaio], leva em conta a objeção de que não é possível saber com certeza os sentidos que cada um encontrará sob seus conceitos” (ADORNO, 2003, p. 29). Exige-se, aqui, uma recíproca interação entre os conceitos a qual quebre neles o caráter de mônadas, bem como a necessidade de se precisar com acuidade seus significados. Nessa experiência intelectual com os conceitos, eles não caminham em um sentido único, mas se entrelaçam em seus vários momentos, chegando a tal ponto em que “[...] o pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la” (ADORNO, 2003, p. 37). É essa experiência que o ensaio valoriza e toma como parâmetro, sem fazer dela um método. Salienta ainda Adorno (2003, p. 37) que “[...] a consciência da não identidade entre o modo de exposição e a coisa impõe à exposição um esforço sem limites. Apenas nisso o ensaio é semelhante à arte [...]”. Desse modo, o cuidado com o *como expressar* e com o *saber-expressar* pode trazer à tona o que há de perigoso e incômodo nas próprias coisas. Assim, o

ensaio nos fornece a medida do sentido do filosofar, em que conteúdo e forma, ideia e estilo se interpenetram. Nesse ponto, Adorno se distancia de Lukács, o qual definiu o ensaio “[...] como uma forma artística” (apud ADORNO, 2003, p. 18), criticando o positivismo, que reivindica uma linguagem não artística para falar da arte. Em ambos os casos, ocorreria a separação entre a forma de expressão do pensamento e o conteúdo do objeto. O ensaio não se situa em nenhum desses polos, mas articula em seu interior o rigor no jogo dos conceitos com a necessidade de adequar a forma de expressão à complexidade do objeto.

Adorno encontra no ensaio os elementos para sua crítica à metafísica e a toda filosofia que se define como sistema. No trecho a seguir, como que numa retomada da censura de Nietzsche à tradição do pensamento ocidental, Adorno (2003, p. 24) anuncia o mote que norteia sua reflexão a respeito do ensaio: “Em relação ao procedimento científico e sua fundamentação filosófica enquanto método, o ensaio, de acordo com sua idéia, tira todas as conseqüências da crítica ao sistema.” Além de levar às últimas conseqüências a crítica às filosofias que se definem como sistema, há no ensaio a recusa em reduzir o conhecimento a um princípio que a tudo fundamenta. No entanto faz isso sem negar o papel da própria teoria. A esse respeito, escreve Barbosa (2006, p. 04):

Com isso, o ensaio se apresenta como a forma de uma teoria crítica. O que torna crítica esta teoria não é o primado da pergunta sobre as condições de

possibilidade de todo o conhecimento – embora nem por isso o ensaio recue diante de uma crítica da razão. Contra toda espécie de filosofia transcendental, de reflexão prévia seja sobre o sujeito, ou a consciência, seja sobre o *Dasein*, contra tudo que possa ser o primeiro, o princípio, o fundamento, o ensaio faz de sua crítica da razão uma crítica da idéia de uma *filosofia primeira*. (grifos do autor).

Não é sem motivo que Adorno retoma Montaigne, por meio de Lukács, para resgatar o espírito do ensaio. Montaigne adota o ensaio como a maneira mais adequada para falar das experiências formadoras do eu. E, nele, o ensaio designa um modo de expressão, um estilo literário. Mas esse não é apenas um estilo de escrita, mas um modo de pensar a relação entre o eu e o mundo. Tal relação, ressalta Adorno (2003), não obedece às regras do conhecimento científico, em que haveria uma correspondência entre a ordem das coisas e a ordem das ideias. Em oposição aos grandes sistemas de razão, o ensaísta abandona qualquer esperança em alcançar algo definitivo, porque sabe que a linguagem não pode nomear o ser. As regras da linguagem e da lógica constituem um sistema arbitrário em que jogamos com sombras. Há também a consciência de que jamais sairemos do domínio das palavras. Nesse aspecto, o ensaio tem algo de trágico:

No seu esforço de dizer o que não se deixa dizer, de captar pelo conceito o que resiste ao conceito, o ensaio mergulha até o fim na tragédia da

linguagem. Pois a tragédia para a utopia do conhecimento consiste em que o singular só se deixa dizer pelo universal – portanto, que quando o singular é dito, já não é o singular que é dito, não restando outra alternativa senão tentar dizê-lo sempre de novo, numa aproximação infinita ao não-idêntico. (BARBOSA, 2006, p. 4).

Se pudessemos pensar em uma imagem para traduzir o caráter trágico da linguagem, no ensaio adorniano, nos reportaríamos a um trecho do belo poema de Manoel de Barros, intitulado “O menino que carregava água na peneira”, em que, ao tratar do ofício daqueles que se dedicam à literatura, à poesia, por conseguinte, à escrita, assinala o seguinte:

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito/porque gostava de carregar água na peneira/com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. [...] A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: meu filho você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos. (BARROS, 2005, s/p).

Essa imagem parece fazer jus àquela em que Adorno (2003, p. 35) define o ensaio como tentativa, como uma “intenção tateante”, que não traz em si nada de programático. Por isso, mescla em si, como tentativa, “o ideal de acertar na mosca”, com a consciência de sua própria contingência e falibilidade. Isso significa que os pro-

pósitos do ensaio como tentativa podem ou não ser atingidos. A palavra *ensaio*, como lembra Moreau (1961, p. 66-79), em seu comentário a Montaigne, tem vários sentidos. Pode significar experiência, “jogo da imaginação e da inteligência”, “tentativas apenas esboçadas”, “um exercício de escrita, um rascunho, algo não definitivo”. A definição de ensaio que nos é dada por Starling (2004, p.06) é esclarecedora:

A rigor, ensaios são uma forma de exposição que desconfia do sentido definitivo ou único dos acontecimentos e das idéias, apresentado pela teoria ou pela história, perseguem as condições de acesso ao que neles foi preterido, eclipsado ou anulado como inútil, e reconhecem o heterogêneo, o dissonante, ou fragmentário como um método para interrogar o presente.

O método ao qual se refere Starling, ao final da citação, não é o mesmo que Adorno combate, que tem em Descartes seu mais hábil articulador. O método ao qual esses autores aludem corresponde a uma atitude de abertura do sujeito em relação ao objeto, que carece de um conjunto de regras que, se supõe, garantiria ao sujeito representar a verdade do objeto. No ensaio, prevalece a memória da experiência do pensar enquanto ato, de um pensar que se desenrola “[...] metodicamente sem método” (ADORNO, 2003, p. 30). Adorno compara essa experiência do pensar em ato àquela de alguém que, estando em terra estrangeira, tem que arriscar a falar a língua desse país, em que as regras que lhe foram ensinadas na escola ou as receitas dos manuais a

respeito dessa língua têm pouca utilidade. Na realidade, as regras gramaticais e as definições dos dicionários engessam o sentido das palavras, que só podem ser compreendidas no contexto em que são ditas. Nessa experiência, uma palavra só adquire sentido depois de ouvida, uma infinidade de vezes, em diferentes contextos. Esse tipo de aprendizado, sustenta Adorno (2003, p. 30), está sujeito ao erro, e o mesmo acontece com a forma ensaio, que, por ser uma experiência intelectual aberta, está sujeita à dúvida, portanto renuncia a qualquer ideal de certeza. Por isso mesmo, ele é anticartesiano, porque não há regras fixas que regulam essa relação entre sujeito e objeto. Nesse caso, cada objeto exige do sujeito a construção dos elementos requeridos àquela situação específica em análise. O que faz o ensaio é tomar o objeto, aqui e agora, em sua especificidade e naquilo que ele tem de vivo e problemático para o presente. É assim, dirá Adorno (2003, p. 33), “[...] que o ensaio abala a ilusão desse mundo simples, lógico até seus fundamentos, uma ilusão que se presta comodamente à defesa do *status quo*”.

Expor de maneira cartesiana o objeto é submetê-lo à arbitrariedade do próprio método, logo, do próprio sujeito. Aqui reside o caráter mesquinho do método, cuja pretensão é não deixar nada de fora. Dessa forma, o método e a ciência que dele se serve reprimem a angústia e o medo do ameaçador, daquilo que não pode ser apreendido e dito. Nesse caso, “[...] a linguagem deve resignar-se ao cálculo; para conhecer a natureza, deve

renunciar a pretensão de ser semelhante a ela” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 31). A mimesis originária, aquela em que o sujeito se entrega aos prazeres e, portanto, às ameaças que dela decorrem, é substituída, segundo Gagnebin (1997b, p. 89), por uma mimésis “[...] perversa que reproduz, na insensibilidade e no enrijecimento do sujeito, a dureza do processo pelo qual teve que passar para se adaptar ao mundo real [...]”. O método cartesiano constitui o modelo para a racionalidade moderna, que não suporta o que insiste em sobreviver subterraneamente, o que lembra perder-se em mundos inteligíveis, o que lembra o ócio e a inadaptação à disciplina do trabalho, motivo pelo qual se lança sobre ele de maneira compulsiva. O que o ensaio pretende, no registro adorniano, é libertar o pensamento dessa “compulsão à identidade” que elimina dele a curiosidade, “princípio do prazer do pensamento”. O ensaio não hostiliza a felicidade inerente ao ato de pensar movido por essa curiosidade que não se fecha à novidade. Ao proceder, assim, “[...] o ensaio é presenteado, de vez em quando, com o que escapa ao pensamento oficial: o momento do indelével, da cor própria que não pode ser apagada” (ADORNO, 2003, p. 36).

Aqui, parece, chegamos a um ponto crucial da prática filosófica de Adorno, que é o vislumbre dessa possibilidade de o pensamento escapar à relação identitária entre sujeito e objeto, portanto, da violência que o primeiro exerce sobre o segundo. Esse é um problema que perpassa toda a filosofia do autor, qual seja, o de postular uma forma de pensar situada no âmbito

da própria razão a qual critica, sem se render aos seus aspectos regressivos. Esse aproximar-se do objeto sem violentá-lo, na perspectiva adorniana, requer, como explica Gagnebin (1997b, p. 103), uma nova mimésis, que se distancia tanto dos seus aspectos originários presentes na magia mítica, quanto dos elementos da mimésis controladora identificada, sobretudo, com os saberes modernos. Essa mimésis, à qual remete a autora, privilegiaria uma dimensão lúdica do pensar, que nos permitiria uma aproximação do objeto sem exercer sobre ele violência, de tal maneira que fosse possível compreendê-lo e dizê-lo, sem oprimi-lo e desfigurá-lo. Nessa relação de conhecimento, o medo e a angústia precisam ser eliminados, para que se respeite o espaço da diferença e da distância, contendo o desejo de dominação do sujeito que conhece.

Conforme Gagnebin (1997b), essas dimensões da nova mimésis adorniana aqui retomadas, rapidamente, constituem uma ideia reguladora que está presente de diferentes maneiras nas obras de Adorno. No livro *Dialética do Esclarecimento*, ela aparece na crítica ao conhecimento como dominação e na oposição à dialética hegeliana, que tudo reconcilia no espírito absoluto. Essa promessa de reconciliação e, ao mesmo tempo, a sua impossibilidade serão retomadas no conceito de dialética negativa, presente na última filosofia de Adorno. E, por fim, na obra *Teoria Estética*, Adorno toma a arte como o lugar do comportamento mimético em que se vislumbra a possibilidade de tocar com as próprias mãos o intocável e ouvir o inaudível com

os próprios ouvidos. Adorno chama isso, como lembra Gagnebin (1997a, p. 118), de “contato sensível com as coisas”; esse aspecto, afirma a autora,

[...] assinala uma certa humildade do pensar que quer seguir com ternura os contornos do sensível, gratuitamente, por simples prazer e respeito, sem calcular antes qual poderia ser o ‘lucro’ que daí resultaria ou não. Esse gesto deverá assumir uma importância crescente na filosofia de Adorno, alimentando toda a sua revalorização do conceito de *mimesis*, não como mera imitação nem como intuição aconceitual, mas, justamente, como uma flexibilidade aconchegante à singularidade e à multiplicidade do concreto: o que desembocará na sua teoria estética.

Adorno (2003) constrói, a partir de Max Bense, uma imagem do ensaio em que conhecer é experimentar o objeto, é apalpá-lo, revirá-lo e prová-lo, para depois submetê-lo à reflexão. É tomar o objeto de diferentes lados e traduzir por meio de palavras o que dele se permite vislumbrar. Nessa perspectiva, o ensaio como crítica filosófica constitui, como salienta Barbosa (2006, p. 6), um “[...] esforço paciente de fazer falar o reprimido, o recalcado – de dar voz ao sofrimento.” É por essa via, continua o autor, que “[...] a autorreflexão da razão torna-se assim uma *anamnese* – uma recordação da natureza no sujeito”.

Esse elemento da recordação, da *anamnese*, nos leva a pensar o ensaio como um esforço mimético de aproximação do sujeito ao objeto, o que o faz caminhar

na contramão do pensamento esclarecido que tem horror à *mimesis*, que nos recorda aspectos do imemorial superado em nós, e de tudo aquilo que não estabelece limites claros e fixos entre o ego e o mundo. O ensaio reivindica essa aproximação do que foi recalcado pela cultura. Por isso, ele não se ilude com a separação que as formas de pensar tradicionais estabelecem entre cultura e natureza. O que subjaz à cultura é a sociedade em seus aspectos falsos e contraditórios, em que as desigualdades, a dominação e o sofrimento humano são ocultados. O ensaio não busca eliminar a natureza, mas revelar seu caráter de não identidade soterrado pelo engodo da cultura. Nesse sentido, o ensaio leva a cultura a pensar em sua própria inverdade, enquanto uma espécie de segunda natureza: “Sob o olhar do ensaio, a segunda natureza toma consciência de si mesma como primeira natureza” (ADORNO, 2003, p. 40). Nisso parece residir o caráter *anamnético* do ensaio, que solapa as bases do pensamento que tem como meta sustentar uma identidade com limites claros e fixos. É nesse ponto que o ensaio se vincula à tendência mimética que busca fazer jus ao objeto, não o violentando.

Insistimos até o momento em destacar aspectos da ensaística em Adorno, entendida enquanto forma de expressão intelectual que se distancia da prática filosófica nos moldes da filosofia tradicional, em que se estabelece a identidade entre sujeito e objeto como pressuposto para o conhecimento da verdade do objeto. O pensamento de Adorno, bem como a sua prática filosófica expressa na forma

ensaio, denuncia os limites do sujeito na compreensão do objeto. Por outro lado, o filósofo encontra no ensaio a possibilidade da experiência com o pensamento, na qual permanece retesada a intransponível tensão entre as coisas e o sentido que a elas conferimos. Adorno revigora um estilo em filosofia em que o exercício do filosofar é incompatível com a certeza, visto ser o ensaio uma tentativa, um rascunho de algo que não é definitivo, por isso mesmo pode ser retomado, relido e apreciado a partir de outras perspectivas. É dessa maneira que o ensaio se presta à prática de um filosofar *ad hoc*. Adorno e Horkheimer, lembrará Habermas (1998), depois de tecerem duras críticas à razão e de se proporem continuar filosofando sem os subterfúgios da metafísica e sem as pretensões realistas do positivismo, optam por praticar *negação ad hoc* ou, se quisermos, *uma filosofia ad hoc*, interessada em pensar a realidade a partir das determinações sociais. É por essa via que vão persistir na crítica negativa, sem deixá-la esmorecer.

2 O ensaio e o filosofar em educação

Iniciamos este texto afirmando que a atividade da reflexão filosófica, no campo da filosofia da educação, exige de quem a pratica a abertura e a disposição para refletir sobre temas e problemas que são circunstanciais, contextuais e significativos para a educação no presente, de sorte que se trataria de um filosofar *ad hoc*, que pudesse se ocupar de temas e problemas próprios do campo da educação, adotando a perspectiva do ensaio. Obviamente

que essa opção ou pretensão comporta desafios, para os quais nos alerta Adorno. Ciente desses desafios, o filosofar em educação por meio do ensaio nos leva a pôr em dúvida os modismos em educação e os regimes de verdade que eles arregimentam, além de trazer à tona a fragilidade, os limites da teoria frente à complexidade em que se inserem as nossas práticas pedagógicas. Desse modo, o ensaio enquanto uma forma de reflexão sobre/na educação nos instiga a pôr em dúvida os valores, crenças e estereótipos que limitam nossa experiência no presente, ao mesmo tempo em que nos proporciona “[...] uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995b, p. 121), capaz de contrapor-se à ausência de consciência a respeito do que somos, do que fazemos, do como fazemos e do para que fazemos, em nossas práticas educativas.

À prática do ensaio, como o concebe Adorno, acrescentamos uma indicação de Foucault acerca do papel da filosofia, a qual deve se ocupar em exercer a crítica aos conteúdos e ideias que adquiriram, ao longo da história, um valor de verdade. Assim, interroga Foucault (2000, p. 180), a respeito do que os regimes de verdade fizeram de nós: “[...] quem sou eu, que pertencço a esta humanidade, talvez a esta parte, a este momento, a este instante de humanidade que está sujeitada ao poder da verdade em geral e das verdades em particular?” Os problemas postos aqui por Foucault são aqueles que deveríamos enfrentar, no campo da reflexão filosófica em educação, que ganhariam o seguinte desdobramento: que efeitos de poder as verdades oriundas de distintos campos

do conhecimento exercem sobre nós? Somos afetados por essas verdades? Somos aquilo que elas dizem de nós? A escola é aquilo que as ciências e as pesquisas em educação afirmam sobre ela? Nesse ponto, guardadas as diferenças entre Adorno e Foucault, ambos concordariam que o ensaio enquanto forma de expressão intelectual leva a sério tais perguntas, no trabalho de reflexão sobre o presente, as quais uma filosofia da educação que se queira atenta e sintonizada com os problemas atuais deveria, também, tomar como suas questões.

Dessa maneira, os vínculos entre os desafios postos pela educação aos filósofos da educação e a perspectiva do filosofar *ad hoc*, a partir do ensaio, possibilitam-nos redimensionar as finalidades do filosofar em educação. A primeira dessas finalidades consiste em colocar em dúvida conceitos, ideias, valores e práticas, como uma atitude que recusa considerar a realidade como um dado natural que se apresenta imediatamente à consciência do sujeito cognoscente. Há aqui uma intrínseca afinidade com o sentido do ensaio, cujo mote é evidenciar o caráter arbitrário das verdades e a violência que elas exercem sobre nós e sobre as coisas. Pensar nesse registro permitiria àqueles que lidam com o fenômeno educativo, a partir da perspectiva da filosofia da educação, se confrontar com os regimes de verdade em que se encerram os saberes escolares e as ilusões que eles comportam. Dessa maneira, podemos pôr em dúvida esses regimes. O filosofar nesse caso, segundo Foucault (2000), apenas para fazer mais uma vez uma livre

associação entre este filósofo e Adorno, é produzir deslocamentos e mudanças em nossa forma rígida de pensar, é pensar de forma diversa, de tal modo que nos seja possível modificar os valores estabelecidos que nos impedem de tornar *outro do que se é*.

A segunda finalidade da filosofia da educação deveria ter como preocupação a avaliação dos saberes e práticas que são dominantes no âmbito do fenômeno educativo. Num primeiro esforço de explicitação dessa finalidade, retomamos os desafios que, segundo Rouanet (1987), deveriam ser enfrentados pela filosofia, na atualidade: a consciência, depois de Marx e Freud, de que não há uma razão livre de condicionamentos materiais e psíquicos; não podemos ignorar a diferença weberiana entre razão substantiva, que estabelece fins para a ação, e uma razão formal, instrumental, que está muito mais preocupada em ajustar meios a fins; é preciso levar em conta os aspectos repressivos da razão denunciados por Adorno, os quais têm exercido o domínio sobre o homem e sobre a natureza, ao longo da história; por fim, não pode ser esquecida a denúncia foucaultiana de que saber e poder estão entrelaçados e que estaríamos impossibilitados de nos situarmos fora dessa relação, no campo do conhecimento. Essas diferentes críticas à razão iluminista têm implicações para o campo da educação. A crença, até certo ponto ingênua, de que a razão e a educação a que a ela se filia podem conduzir os indivíduos à emancipação precisa ser lida com desconfiança. As críticas acima, se tomadas a sério, põem

em dúvida as nossas certezas sobre *o que, por que e como fazer*, em nossas práticas educacionais. O que a filosofia de Adorno faz e, em específico o ensaio por nós aqui abordado, é pôr em dúvida as pretensões do sujeito, da razão, em esgotar em si o objeto. É dessa perspectiva que podemos pensar o educar, o formar, como uma atividade complexa que está submetida a regimes de verdade, crenças, valores, difíceis de serem explicitados por meio do esclarecimento ou pelo autoesclarecimento.

A terceira consequência que a filosofia da educação deveria retirar do ensaio, nos moldes aqui tratados, refere-se ao esforço permanente em não se render a um pensar dogmático e manter, portanto, a consciência de que o trabalho do pensamento é sempre limitado. Não há, como nos ensina Adorno, um caminho mais curto e fácil para a definição em filosofia. Não há um modelo simples e lógico para se lidar com a realidade, porque esta é fragmentária e fraturada. O desafio posto à filosofia da educação, em um contexto regido pela lógica da eficiência, pela busca da melhor performance no mercado e pela lógica do ganhar tempo, é o de resistir à pressão e à adesão aos ares de normalidade com que são aceitas práticas autoritárias e injustas, no âmbito das relações sociais, e seus efeitos no campo pedagógico. A pergunta com a qual deve se ocupar a filosofia da educação é a seguinte: como resistir, no campo pedagógico, contra práticas autoritárias, veladas ou não, as quais são inerentes à própria história da razão ocidental? Essa pergunta, obviamente, não é fácil de ser respondida, porém, não

podemos deixar nunca de fazê-la, uma vez que só assim podemos manter a evidência dos limites inerentes à própria razão e dos conceitos com que ela opera, no trato com as coisas.

O último aspecto para o qual chamamos a atenção, nessa aproximação entre o ensaio e a prática em filosofia da educação, refere-se à necessidade de um exercício do pensar que leve em conta a história da filosofia, mas que também seja capaz de ensinar a filosofar. Seria um despropósito filosofar em educação sem considerar a história da filosofia e da filosofia da educação produzidas ao longo dos séculos. Por outro lado, ressaltamos que, nesse caso, não é suficiente fazer uma boa história da filosofia, mas é preciso que se dê lugar nessa prática ao filosofar no presente. Adorno (2003) se mostra resistente à filosofia acadêmica que, fechada em si mesma e preocupada em garantir a verdade interna dos sistemas de pensamento, perdeu a capacidade de problematizar o mundo. Obviamente, cabe aqui uma ressalva: Adorno não desprezou, como filósofo, a importância de se fazer História da Filosofia e dominar suas técnicas, porém, soube como ninguém evitar que sua prática filosófica se tornasse uma especialização, o que lhe facultou, em razão de sua própria formação, um trânsito por vários campos – literatura, música, filosofia e sociologia – e uma abertura para pensar por meio do ensaio, temas e problemas contemporâneos. Esse cuidado em equilibrar história da filosofia com o filosofar no presente requer uma iniciação em autores como Platão, Aristóteles, Rousseau,

Kant, Hegel etc., nso quais se enfatizam, conforme assinala Porchat (1999, p. 135), aspectos que ainda estejam presentes nas discussões contemporâneas acerca dos problemas atinentes à educação. Além disso, é importante que voltemos o nosso olhar para os autores contemporâneos e atentemos para os temas e problemas com os quais eles se ocupam. Nesse exercício do filosofar e, nesse caso específico, do filosofar na educação, deveríamos dar atenção especial aos “[...] problemas filosóficos que são problemas para os nossos alunos, questões que naturalmente os preocupam” (PORCHAT, 1999, p. 135), o que possibilitaria estabelecer vínculos com o debate filosófico contemporâneo. Para tanto, é necessário e desejável que os nossos alunos sejam estimulados a expressar suas ideias e pontos de vista acerca dos temas e assuntos tratados em sala de aula. Enfim, que sejam incentivados a ensaiar textos e a criticar formulações de pensadores importantes para o campo da educação. É por meio dessas tentativas que os nossos alunos vão começar o exercício da reflexão filosófica em educação. Mesmo que esses exercícios se apresentem, inicialmente, pouco rigorosos, desajeitados e ingênuos, poderão ser melhorados mediante acompanhamento do professor. A esse respeito, questiona Porchat (1999, p. 138):

Haverá outra maneira de aprender a fazer algo, no campo teórico ou prático, senão começando a fazer e fazendo, de preferência sob o acompanhamento e aconselhamento de um mestre, aquilo que se quer aprender fazer bem? [...] No que concerne

particularmente ao aprendizado filosófico, caberá ao mestre apontar as necessárias imperfeições das primeiras tentativas, sugerir leituras que possam ser utilizadas como ponto de apoio para os passos seguintes, corrigir falhas de argumentação, estimular o debate filosófico entre e os estudantes.

A sugestão de Porchat para que estimulemos nossos alunos a se exercitarem no ensaio é o ponto de partida para a prática do ensaio nos moldes como nos propõe Adorno.

Para finalizar, ressaltamos que, ao longo deste texto, o nosso intuito foi buscar identificar aspectos na ensaística de Adorno, sobretudo no artigo “O ensaio como forma” que, a nosso ver, são importantes para a prática do filosofar em educação. Um *filosofar ad hoc*, que se ocupa dos problemas do presente sem a pretensão de esgotar qualquer tema ou assunto, mas que aponta sempre para a complexidade do objeto. Filosofar *ad hoc* em educação e na perspectiva da ensaística adorniana é se colocar numa postura de abertura para a reflexão dos problemas contemporâneos que nos afligem, em nossas práticas educativas. Trata-se, inclusive, de pensarmos a educação distanciando-nos de conceitos, regras e leis universais, e buscar encontrar nela o que é da ordem do *acontecimento* e que escapa ao previamente dado e regulado pelos saberes científicos em educação. Assim, o ensaio nos auxilia na lida com a incerteza e com o imprevisto, os quais passariam a figurar como desafios próprios do campo pedagógico, que exigem

(re)significação para a instauração de um novo começo. Podemos dizer também que, do mesmo modo que há no ensaio algo de trágico, pois a linguagem e os conceitos são sempre limitados para dizer e explicar a realidade, esse mesmo elemento permeia nossas práticas educativas, visto que os nossos saberes são sempre limitados, ainda que indispensáveis, na abordagem do fenômeno educativo. Além disso, o ensaio, na leitura adorniana, nos possibilita uma

aproximação do objeto por meio de uma nova *mimesis* que busca resgatar nele o que foi esquecido, soterrado e negado pela própria razão ou, se quisermos, pelos nossos saberes e pelas nossas práticas pedagógicas. Não se trata, portanto, de negar o papel da teoria, mas de encontrar formas de aproximação do não idêntico, em que “[...] conhecer não significa mais dominar, mas muito mais atingir, tocar, ser atingido e tocado de volta” (GAGNEBIN, 2003, p. 109).

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. Sobre sujeito e objeto. In: _____. *Palavras e sinais*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a.

_____. Educação após Auschwitz. Tradução de Wolfgang Leo Maar. In: ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

_____. *A atualidade da filosofia*. Tradução de Bruno Pucci. Piracicaba, SP, 2000. Disponível em: <<http://Adorno.planetaclix.pt/tadorno3.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

_____. O ensaio como forma. In: ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge Almeida. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2003.

BARBOSA, Ricardo. *O ensaio como forma de uma 'filosofia última'*. Sobre T. W. Adorno. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.artenopensamento.org.br/pdf/>. Acesso em: 10 nov. 2011.

BARROS, Manoel. *Menino que carregava água na peneira*, 2005. Disponível em: <http://muroniblogspot.com/2005/10_5.html>. Acesso em: 20 jul. 2010.

BUCK-MORSS, Susan. *Origem de La dialéctica negativa*. Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt. Tradução de Nora Rabotnikof Maskivker. México: Siglo Veintiuno, 1981.

DUARTE, Rodrigo. A ensaística de Theodor W. Adorno. In: _____. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

FOUCAULT, M. O que é crítica? (Crítica e Aufklärung). Tradução de Antonio C. Galdino. *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências*, Marília, v. 9, n. 1, p. 169-189, 2000.

GAGNEBIN, J. M. Do conceito de razão. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

_____. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

_____. Após Auschwitz. In: SELIGMANN-SILVA (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. Tradução de Manuel de Jimenez Redondo. Madrid: Taurus, 1988.

LEO-MAAR, W. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MOREAU, Pierre. Montaigne: o homem e a obra. In: MONTAIGNE, F. *Ensaaios I*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Globo, 1961.

PORCHAT, O. Discurso aos estudantes de filosofia da USP sobre pesquisa em Filosofia. *Dissenso - Revista de Estudantes de Filosofia*, São Paulo, n. 2, p. 131-140, jan./jun. 1999.

PUCCI, Bruno. Sentido(s) da filosofia hoje. *Revista Educação e Filosofia*, Universidade Federal de Uberlândia, MG, v. 14, n. 27/28, p. 67-80, jan./jun; jul./dez. 2000.

_____. Estética, educação e valores. In: SANTOS, G, A; SILVA, D. J. (Org.). *Estudos sobre ética. A construção de valores na sociedade e na educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SAFATLE, Vladimir. Theodor Adorno: unidade de uma experiência filosófica plural. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Org.). *Pensamento alemão do século XX. Grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil*. São Paulo: Goethe-Institut / Cosac Naify, 2009, p. 159-179.

STARLING, Heloisa M. M. Ensaio capta a utopia e a dor do Brasil que não somos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 de jun. 2004. Ilustrada, p. 06.

Recebido em maio de 2012

Aprovado para publicação em junho de 2012